

RECONHECER-SE ALÉM-FRONTEIRAS:
ECOFEMINISMO E O PENSAMENTO DE MARIA DE LOURDES PINTASILGO

Estudos de Literatura Comparada – Títulos publicados

1. *Identidades Reescritas. Figurações da Irlanda no Teatro Português*, Paulo Eduardo Carvalho
2. *Lentes Bifocais. Representações da Diáspora Portuguesa do Século XX*, Ana Paula Coutinho Mendes
3. *Annemarie Schwarzenbach. Uma viajante pela palavra e pela imagem*, Gonçalo Vilas-Boas
4. *Um certo pudor tardio. Ensaio sobre os «poetas sem qualidades»*, Ana Cristina Assis

Título: Reconhecer-se Além-Fronteiras: Ecofeminismo e o Pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo

Autora: Ana Cristina Assis

© Autores e Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP), 2012

Edição: Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Concepção Gráfica: Dep. Gráfico / Edições Afrontamento, Lda.

ISBN: 978-972-36-1238-7

N.º de edição: 1449

Colecção: Estudos de Literatura Comparada / 5

Depósito Legal: 344011/12

Impressão e Acabamento: Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia da Artes – Livros e Distribuição, Lda.

comercial@companhiadasartes.pt

1ª Edição / Maio de 2012

Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

geral@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

www.ilcml.com

Reconhecer-se Além-Fronteiras:

Ecofeminismo e o Pensamento
de Maria de Lourdes Pintasilgo

ANA CRISTINA ASSIS

Índice

Brevíssimo Prefácio.....	9
Agradecimentos.....	11
Introdução.....	13
1. Ecofeminismo, evolução e tendências	21
Feminismo e ecologia	29
Movimentos ecofeministas	35
Ecofeminismo: a construção de uma teoria crítica.....	51
Tendências na evolução do ecofeminismo	63
2. Maria de Lourdes Pintasilgo: um pensamento em acção para uma ética do cuidado.....	69
Uma missão específica	77
Uma acção diferente para uma política diferente.....	93
Uma dimensão ética para uma cidadania global	103
3. Uma mudança de vida ou o discurso utópico ecofeminista?	115
Um discurso utópico ecofeminista	123
Maria de Lourdes Pintasilgo, um pensamento utópico ou a transição para o paradigma da qualidade.....	133
Conclusão	141
Bibliografia	145

Não eram multidões mas pequenos grupos que se reconheciam além fronteiras. A sua persistência não se deixava vencer pelas dificuldades encontradas. Tinham prioridades na vida. Viviam de ideais e do dinamismo que deles nascia. Queriam outra coisa e estavam disponíveis.

Maria de Lourdes Pintasilgo

Brevíssimo Prefácio

Este é um estudo que cruza o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo sobre a relação entre subjectividade feminina e agenciamento das mulheres e a ecologia, confrontando essa relação com as mais fortes teorias ecofeministas. Ao fazê-lo, o seu objetivo é sobretudo o de iluminar convergências. Poder-se-á descrever tal comparação como um tecido que entretece todos os elementos, de forma a manter os dois pólos do binómio ecofeminismo / pensamento de Maria de Lurdes Pintasilgo em constante tensão analítica, sem capítulos estanques a separar em demasia os conteúdos.

Ao definir o seu ponto de vista, Ana Cristina Assis revela a sua formação técnico-científica, como engenheira têxtil e empresária – área que em Portugal tem sido dominada por homens. A Autora pretendeu ampliar essa formação e essa experiência de modo a contribuir para uma visão crítica da própria técnica e seu impacto no mundo, para incorporar outra visão, ou «intuição», como ela própria escreve, do mundo e da vida. E nesse movimento interior e de pesquisa, podemos reconhecer uma inquietação afim daquela que foi a de Maria de Lourdes Pintasilgo.

A busca de um entendimento maior quanto à natureza sistémica de todos os fenómenos e à complexidade a que cada coisa se liga conduzirá Ana Cristina Assis a contemplar articulações possíveis e desejáveis entre mulheres e ecologia, duas das componentes dessa complexidade de que, aliás, a Autora participa de modo singular enquanto mulher da indústria têxtil, empenhada há muito tempo em torno das questões do ambiente. Trata-se, pois, de uma reflexão sobre ambiente e ecologia pelo prisma das questões que dizem especial respeito às mulheres enquanto actoras de emancipação cultural.

Do confronto entre o pensamento ecofeminista e a perspectiva eco-política de Maria de Lourdes Pintasilgo, ambos habitados por uma forte raiz utópica, surgem linhas de convergência que podem talvez sintetizar-se nestes convincentes pontos: questionamento dos quadros mentais ocidentais; perspectiva transdisciplinar e sistémica; articulação

teoria/prática; necessidade de uma mudança de paradigma, isto é, mudança de novos quadros conceptuais, o que supõe afirmação da diferença sexual, exercício da cidadania e, nele, o contributo das mulheres e a qualidade de vida para todos. É a partir da exploração destes pontos que Ana Cristina Assis equaciona a extrema actualidade do pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, demonstrando de forma notável em que medida este pensamento pode ser usado como chave para a análise dos problemas que actualmente envolvem a mulher e o ambiente natural.

Como intenção prioritária das ideias contidas nestas páginas encontramos, pois, tópicos tangentes: a erradicação da pobreza, a transformação da produção e do consumo; a não-exaustão dos recursos naturais não-renováveis, o respeito pela biodiversidade, e, não menos importante, a responsabilidade e o cuidado, em lugar do materialismo prático dominante.

Nos tempos que correm, em que as desigualdades se têm vindo a extremar e as mentalidades quantas vezes parecem estar a recuar e a estreitar-se, este livro faz prova de como é possível reciclar os mais fundos valores humanistas e ao mesmo tempo praticar actos de resistência. Na sabedoria de que os pequenos gestos, os da persistência, os dos afectos, os do cuidado – geralmente atribuídos às mulheres – são concomitantes com os gestos de força e de coragem. E são transversais à emancipação. Por isso também é o título escolhido por Ana Cristina Assis tão eloquente: reconhecer-se além-fronteiras é, como escrevia Maria de Lurdes Pintasilgo em *Palavras Dadas*, reconhecer que «o outro só se constitui na alteridade quando é olhado face a face. E [que] é esse mesmo movimento que nos constitui ao nível do ser». Reconhecer-se além-fronteiras é, afinal, estar disponível para a mudança.

Porto e Lisboa, 14 de Dezembro de 2011

Ana Luísa Amaral
Isabel Allegro de Magalhães

Introdução

Há uma erudição do conhecimento, que é propriamente o que se chama erudição, e há uma erudição do entendimento, que é o que se chama cultura. Mas há também uma erudição da sensibilidade.

Bernardo Soares

Uma proposta de reflexão sobre uma das correntes de pensamento feminista, o Ecofeminismo, tendo como pano de fundo o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, corresponde a uma necessidade de leitura e interpretação do que nos rodeia, do que intuimos do mundo e da Cultura em que estamos envolvidos.

Assiste-se hoje a um alargamento de campos de saber em busca de abordagens e respostas em domínios complementares que podem fornecer pistas e métodos inovadores no aprofundamento do conhecimento. É neste enquadramento que os problemas ambientais e o modo como a sociedade interage com o mundo natural, assumem uma importância incontornável ao nível da ciência e da filosofia, mas também ao nível económico e ao nível social. Torna-se assim, natural que diversas áreas de saber se tenham envolvido na análise e procura de respostas capazes de repor a sustentabilidade da Terra.

A análise dos mecanismos que presidiram à sistemática desvalorização da natureza e da posição das mulheres na sociedade está na génese dos movimentos ecofeministas, alicerçados nas várias sensibilidades dos movimentos feministas. A construção teórica do ecofeminismo surgirá, sobretudo a partir da década de oitenta no século XX. É nesta perspectiva que se situa o âmbito do

presente trabalho. É presidindo a este argumento que apresento o panorama do movimento ecofeminista, surgido nos EUA em finais da década de setenta. Efectivamente, ecofeminismo lê-se na perspectiva de um movimento, mas também na construção de um suporte teórico e crítico que abrange diferentes sensibilidades, diferentes estratégias de implementação e disseminação, e diferentes perspectivas. A uni-las está a convicção de que a causa da profunda desestabilização ecológica e social que vivemos tem como base uma mesma visão, a de um poder patriarcal¹ instituído que mantém um padrão de dominação sobre as mulheres e sobre a natureza.

Mas porque a cultura não tem um valor absoluto² e porque as razões que se encontram na raiz do aparecimento e desenvolvimento do ecofeminismo não são exclusivas da sociedade anglo-americana, pretendo demonstrar até que ponto o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo pode ser cotejado por essa área importante dos estudos feministas que é o ecofeminismo e em que medida o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo se insere num movimento maior, num movimento que questiona a acção política de um sistema patriarcal, cujas consequências se estendem à intervenção sobre a natureza, num processo sem fronteiras e de responsabilidade global.

Em contextos culturais diferentes, mas no mesmo período histórico, que se desenvolve a partir da segunda metade do século XX até aos dias de hoje, abordo a importância do ecofeminismo para a sociedade ocidental e o modo como o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo, enquanto voz singular de uma mulher que viveu num país longe de uma tradição activista e reivindicativa para as alterações da sociedade, foram capazes de operar uma mudança.

Para a teoria feminista, entender a cultura permite entender as razões que justificaram a perpetuação de uma situação de subjugação, ou de anulação, da mulher relativamente ao homem. A expressão humana através das artes e a, quase sistemática exclusão das mulheres dessa esfera conduziu «à ideologia

1. «Num contexto antropológico, *patriarcado* é o termo que descreve um sistema de organização social, formado a partir de células familiares estruturadas, de tal forma que as tarefas, as funções e as noções de identidade de cada um dos sexos estão definidas de uma forma distinta e oposta, sendo estabelecido que as posições de poder privilégio e autoridade pertencem aos elementos masculinos, quer ao nível familiar, quer ao nível mais lato da sociedade no seu todo» (Macedo/Amaral 2005: 145-146).

2. A relatividade da cultura assenta na «denial that there are certain kinds of universal truths [...] there are no universal truths about the world: the world has no intrinsic characteristics, there are just different ways of interpreting it» (Pojman 1995: 790).

da separação das esferas» (Macedo/Amaral 2005: 28). Na realidade, a dicotomia público/privado está na base da simbologia usada em toda a cultura ocidental para a justificação da anulação das mulheres. A associação das mulheres à natureza, e portanto a um nível claramente desvalorizado face ao homem, relegando-a para a passividade – chegando mesmo a atribuir-lhe um valor simbólico demoníaco – surge por oposição à associação do homem ao domínio público, conotado com o exercício do poder. E apesar de existirem ao longo da história alguns exemplos que contrariaram essa pressão sobre as mulheres, a divisão de papéis continua a ser claramente desfavorável às mulheres.

Desde a época Moderna que o homem recentrou a sua visão do mundo, a tripartição céu-terra-inferno perdeu o seu espaço, devido sobretudo aos conhecimentos científicos introduzidos por Kepler e mais tarde por Newton, colocando o homem no centro das realizações, na exploração e domínio dos fenómenos naturais.

O ideal Iluminista do progresso animou o desenvolvimento científico e tecnológico dando origem ao período que normalmente se conhece por revolução industrial. O surgimento da produção industrial em massa, o abandono progressivo, e sempre crescente, das comunidades rurais e a sua transferência para as cidades, transformou radicalmente a visão da natureza relegando-a para um papel de subordinação ao homem, apenas como providenciadora de recursos inesgotáveis ao serviço de um desenvolvimento material de necessidades sempre crescentes. Por outro lado, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia que permitiu uma melhoria tão grande em alguns aspectos da vida quotidiana trouxe, temos agora essa consciência, massivas consequências para o modo como os seres humanos se relacionam com o meio ambiente. Do período da Modernidade vem também o racionalismo³, visto como característica essencial ao desenvolvimento do ser humano, determinando a supremacia da razão como o único caminho para o conhecimento, colocando a vida humana fora e acima de uma inferiorizada e manipulável natureza (Plumwood 2002: 4).

Uma preocupação idêntica leva Maria de Lourdes Pintasilgo a uma reflexão sobre os «valores culturais nas estruturas, nas instituições, nos costumes, no “respirar” do corpo orgânico da sociedade [que caracterizam a civilização

3. O termo Racionalismo não designa uma posição filosófica precisa já que a razão, tanto pode designar uma capacidade intrínseca diferente da sensibilidade, da imaginação ou da memória, como pode ser encarada, de «acordo com Pascal, como a capacidade humana que se opõe ao coração» (Garber 1999: 771).

técnica]» (Pintasilgo 1960: 1) comparando os valores da civilização grega – cujos valores orientaram o desenvolvimento da sociedade ocidental no domínio da filosofia e da arte – com os valores das civilizações orientais – mais direccionadas para uma concepção religiosa do ser humano e da vida, num acto de contemplação permanente – constatou que uma necessidade de bens materiais sempre crescente conduziu a uma multiplicação dos meios de produção e deu origem a uma mudança de coordenadas. De facto, os valores pelos quais se rege a «civilização técnica», enfatizam sobretudo a «produção, o rendimento, (...) a possibilidade de se atingir rapidamente o resultado previsto» (*idem*: 2) Assim, o industrialismo desenvolve-se como consequência natural do conhecimento técnico e da manipulação das matérias-primas, orientando a ciência para o domínio das coisas materiais. E apesar de ter como objectivo o «ultrapassar [d]a pobreza dos meios humanos, no domínio das coisas criadas [e] das energias naturais» (*ibidem*) o industrialismo, na realidade, ignorou o lugar da sensibilidade, da imaginação ou da memória e enformou a cultura e a ciência, afastando a hipótese de equilíbrio, alterando a relação entre o ser humano e o trabalho, e entre o ser humano e a natureza.

A aspiração a uma sociedade melhor esbarra na complexidade das relações que hoje se colocam, na perplexidade da dimensão dos problemas e no seu carácter global. Qualquer reflexão sobre as relações entre seres humanos e entre seres humanos e o meio natural circundante, levanta assim, questões de carácter global, tal como levanta questões que se prendem com a linguagem e a própria nomeação das coisas. Assim, no decorrer deste texto serão referidos termos como sociedade ocidental⁴, ou países do Norte, por contraponto a países do Sul; países industrializados, em comparação com países em vias de industrialização, ou ainda, países do terceiro mundo, que se subentende em oposição à designação de «países centrais» (Santos 2005: 20) como os países capazes de maximizar as oportunidades e transferir para os restantes, os custos sociais, ambientais e outros, que o processo de desenvolvimento também acarreta.

4. A ambiguidade do termo *sociedade* transporta desde logo para um outro campo, o da sua própria definição: «a sociedade concebida quase exclusivamente como o Estado-nação bem delimitado» (Santos 2005: 32). E se é certo que o termo aqui aplicado diz essencialmente respeito às sociedades dos Estados-nação, não deixa de existir uma certa ambiguidade na sua aplicação, já que, em algumas situações, por «sociedade» se entende a sociedade ocidental como se de identidade conjunta se tratasse.

Ao longo do texto referir-me-ei essencialmente à sociedade ocidental, estendendo o olhar para as margens dessa mesma sociedade num processo não de uniformização de práticas, mas sim de tentativa de encontro de pontos de contacto nas problemáticas abordadas.

Finalmente, uma reflexão desta natureza passa inevitavelmente pelo conceito de globalização, cuja palavra é já do senso comum e suscita diferentes leituras. Talvez a mais consensual seja a do estreitamento da distância e do tempo, conseguidas através da rapidez de transportes e comunicações. Num outro ponto de vista, a globalização é o conjunto de práticas que se traduzem na exportação do consumismo e consequente banalização de usos e costumes, através da moda e da publicidade. Ou ainda, de acordo com Boaventura Sousa Santos, o «conjunto de processos de mudança altamente contraditórios e desiguais, variáveis na sua intensidade e até na sua direcção» (Santos 2005: 19).

A globalização encerra ainda, uma aspiração utópica, quando assume a pretensão de nivelar o grau de desenvolvimento, subentenda-se, de bens materiais e conhecimento, relativamente aos países em vias de industrialização e em vias de um desenvolvimento que teima em ficar cada vez mais longínquo. O carácter utópico da globalização neste sentido está contido a todos os níveis na amplitude da mudança necessária.

Uma inquietação e uma perplexidade motivaram a presente investigação que, não deixando certamente de apresentar pontos vulneráveis, correndo mesmo o risco de suscitar reacções de indiferença ou de negação, poderá abrir espaço para outras leituras, outras análises ou investigações mais profundas. No entanto, na sua génese esteve sempre a perplexidade e a vontade de querer saber mais, de tentar entender o facto de as mulheres ainda não terem uma plena palavra a dizer, de não terem ainda a possibilidade cabal de tomar lugar nas decisões dos destinos que sobre elas, também, recaem; de tentar perceber quais os mecanismos que conduziram à global degradação ambiental, ao aumento brutal das diferenças sociais existentes entre seres humanos, à redução, tão real, das possibilidades de viver uma vida, mesmo dentro de padrões diferentes dos nossos, que seja capaz de assegurar a sua própria subsistência.

Uma questão continua a pairar: será a mudança de paradigma, da produção para a qualidade de vida, do materialismo para os valores humanos e incorpóreos, ainda uma utopia?

* * *

O trabalho estrutura-se em três capítulos.

O primeiro capítulo, *Ecofeminismo, Evolução e Tendências*, pretende apresentar uma panorâmica do movimento, explicitando o seu carácter multicultural. Os Estudos sobre as Mulheres são agora uma vasta disciplina que cobre variados interesses e preocupações, incorporando diversas áreas, entre as quais se encontra a construção de um suporte teórico para o Ecofeminismo. A transversalidade da problemática que aqui se aborda torna qualquer análise uma tarefa que parece hercúlea. Porém, mais do que privilegiar uma autora ou um pequeno grupo de autoras e comparar as suas posições e os modos de comunicação, o trabalho opta por apresentar o percurso de um movimento e sua construção teórica, alicerçado nos trabalhos de algumas das autoras mais reconhecidas. A apresentação que a seguir se faz tem como objectivo abrir espaços de reflexão mais profunda a partir do conhecimento das principais características do ecofeminismo.

O segundo capítulo, *Maria de Lourdes Pintasilgo: Um Pensamento em Acção para uma Ética do Cuidado* apresenta o pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo. Sem pretender dissociar o que de mais singular tem esse pensamento, precisamente o carácter abrangente que Pintasilgo entrega às suas análises e atitudes, dirijo-me com especial ênfase à sua acção, no que diz respeito ao *empowerment*⁵ das mulheres e à defesa da Qualidade de Vida. Maria de Lourdes Pintasilgo participou activamente em associações e outras instituições de cariz religioso, ou político, ou de simples intervenção na sociedade enquanto cidadã. A sua vasta experiência internacional⁶ em instituições de renome e o impacto

5. Por *empowerment* ou *poder feminino* entende-se o investimento feminino no acesso e exercício do poder, cf. Macedo e Amaral (eds.) (2005), *Dicionário da Crítica Feminista*, Porto, Edições Afrontamento, 148. A partir deste momento sempre que utilizar o termo referi-lo-ei em inglês. Uma outra definição seria o «empoderamento» das mulheres, o que se entende pelas acções que visam dar às mulheres mais poder de decisão, mais acesso às instâncias reais de poder na sociedade, cf. Siliprandi (2000), «Ecofeminismo: Contribuições e Limites para a Abordagem de Políticas Ambientais», *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentado*, vol. 1, n.º 1, 61-71. Actualmente a utilização do termo alargou-se e não se encontra apenas confinado às mulheres.

6. Exerceu cargos de direcção ou presidência nas seguintes instituições: World Policy Institute da New School of Social Research, Conselho de Interação de Ex-Chefes de Governo, Conselho Directivo da Universidade das Nações Unidas, Conselho da Ciência e Tecnologia ao Serviço do Desenvolvimento (ONU), conselheira especial do Reitor da Universidade das Nações Unidas, Grupo de Peritos do Conselho da Europa sobre Igualdade e Democracia, Comissão Independente para

que essa participação causou, seriam só por si uma tarefa de relevante interesse para a área dos Estudos sobre as Mulheres. De facto, o carácter inovador do seu pensamento expressa-se de uma forma integradora e abrangente, através do discurso político, livros da sua autoria, ou ainda em inúmeros documentos, cujo espólio se encontra reunido na Fundação Cuidar o Futuro. No centro dos debates gerados por Pintasilgo estiveram como fios condutores a discussão sobre as questões relacionadas com as mulheres, assim como questões que se prendem com o desenvolvimento e a erradicação da pobreza e a qualidade de vida.

O terceiro capítulo, *Uma Sociedade de Cariz Utópico?* chama a atenção para o surgimento de uma utopia dentro da escrita considerada como ecofeminista e um utopismo para o qual é remetida a acção política de Pintasilgo. Tal como acontece com muitas das posições ecofeministas, apesar de ser reconhecido, por instituições como as Nações Unidas, a necessidade de uma mudança de atitude face às mulheres e face ao ambiente⁷.

O estudo termina com uma conclusão que pretende levantar questões para discussões mais alargadas ou, em alguns casos, mais específicas que as aqui abordadas.

a População e Qualidade de Vida, WIDER/UNU – Instituto Mundial de Investigação sobre Desenvolvimento Económico na Universidade das Nações Unidas, Comité dos Sábios. Foi membro das seguintes instituições internacionais: Fundação Europa-América Latina, Clube de Roma, Sisterhood is Global Institute, Synergos Institute, Instituto para o Desenvolvimento e Acção Cultural (IDAC), Institute for Democratic Electoral Assistance, Conselho de Women World Leaders, World Order Model's Project. Para mais detalhes sobre as actividades de carácter político, social e religioso em que Maria de Lourdes Pintasilgo se envolveu, consultar o site: [autor não identificado], «Notas Biográficas de Maria de Lourdes Pintasilgo», Fundação Cuidar o Futuro, 2007, em <http://www.fcuidarofuturo.com/novosite/pdf/biografia.pdf>.

7. Cf. Declaração de Beijing:

«At Rio, Vienna, Cairo and Copenhagen the importance of issues related to the improvement of the status of women was stressed. From each of these global conferences emerged a more powerful recognition of the crucial role of women in sustainable development and protecting the environment». [Autor não identificado] (2001), *Beijing Declaration and Platform for Action*, 1, Nova Iorque: United Nations Headquarters.

